

Diálogos entre Moda, Arte e Cultura 2



Natalia Colombo
(Organizadora)

Diálogos entre Moda, Arte e Cultura 2



Natalia Colombo
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Profª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D536 Diálogos entre moda, arte e cultura 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2019. – (Diálogos entre Moda, Arte e Cultura; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-916-5

DOI 10.22533/at.ed.165201501

1. Moda e arte. 2. Cultura. I. Colombo, Natalia. II. Série.

CDD 391.009

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Diálogos entre Moda, Arte e Cultura 2” intenciona articular pesquisas realizadas em diferentes regiões e Instituições de Ensino Superior do Brasil, em uma abordagem histórico-contemporânea de fenômenos sociais observados nos contextos culturais analisados.

Os primeiros textos tratarão das relações através da arte e do artesanato: abordados como prováveis geradores de valorização dos saberes locais, através de um diálogo cotidiano com a própria identidade. Numa demonstração sobre como as potencialidades de aprendizado e perpetuação cultural se sobrepõe à técnica.

Na sequência, estudos sobre desenho de moda são apresentados como métodos de interface de aprendizado, processo e linguagem, como elemento de comunicação e expressão.

Na mesma medida, métodos de criação colaborativa e de reaproveitamento de materiais são abordados para o desenvolvimento de produtos (acessórios e figurinos) em um ciclo de reutilização e ressignificação – a visão de que a materialidade não representa a totalidade de um produto, demonstrando a potencialidade em estabelecer novas relações com itens que descartamos.

Ainda na esteira da ressignificação, apresentamos dois textos que relacionam a moda e o uso da roupa com os novos entendimentos entre o consumo, o ato de vestir e o ativismo social. A nova relação da roupa com a diferenciação pela correspondência e a dissociação do uso para estratificação social demonstram que o consumo de moda não mais será confundido com qualquer noção de superficialidade: a moda demonstra ser terreno fértil para encontrarmos nossos pares.

Encerramos com três textos que apresentam visões sobre a indústria da moda: os desafios para instituir a importância da valorização da indústria criativa; as novas perspectivas, além da ficção para o uso rotineiro de novas tecnologias têxteis; e o uso da tecnologia para aproximar o discurso da marca ao consumidor, são fios condutores para as exposições.

À Editora Atena agradecemos o espaço frutífero para a articulação e divulgação da pesquisa científica e aos que chegaram até este material, desejamos uma excelente leitura!

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
UTILIZAÇÃO DE MATÉRIA PRIMA ARTESANAL NO VESTUÁRIO: UMA PERSPECTIVA DA PRODUÇÃO TECELÃ ARTESANAL DO MUNICÍPIO MINEIRO DE RESENDE COSTA	
Fabiano Eloy Atílio Batista Glauber Soares Junior Isadora Franco Oliveira Clarissa Alves de Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.1652015011	
CAPÍTULO 2	13
ARTE & MODA EM BELO HORIZONTE: EXISTÊNCIA ESTÉTICA & REINVENÇÃO DOS MODOS DE VIDA	
Angélica Oliveira Adverse	
DOI 10.22533/at.ed.1652015012	
CAPÍTULO 3	32
AS RELAÇÕES E INTER-RELAÇÕES DAS PRÁTICAS MEDIATIVAS E EDUCATIVAS NO MUSEU DE ARTE DE BELÉM (MABE) – ESTADO DO PARÁ	
Milena de Lima Wanzeller Armando Sampaio Sobral Gilmar Wanzeller Siqueira Maria Alice do Socorro Lima Siqueira Diego Figueiredo Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.1652015013	
CAPÍTULO 4	46
O BONECO ARTICULADO BIDIMENSIONAL COMO INTERFACE NO PROCESSO DE APRENDIZADO DO DESENHO DE MODA	
Celso Tetsuro Suono	
DOI 10.22533/at.ed.1652015014	
CAPÍTULO 5	58
DESENHO DE MODA COMO OBJETO DE ENSINO, APRENDIZAGEM E COMUNICAÇÃO COLETIVA	
Valeska Alecsandra de Souza Zuim Ana Cláudia Silva Farias Raquel Viana Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.1652015015	
CAPÍTULO 6	67
SWAPART: SISTEMA COLABORATIVO PARA CRIAÇÃO DE FIGURINOS SUSTENTÁVEIS POR MEIO DO DESIGN THINKING	
Mariane Fernandes Costa Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier	
DOI 10.22533/at.ed.1652015016	

CAPÍTULO 7	74
DESENVOLVIMENTO DE UMA COLEÇÃO DE ACESSÓRIOS HANDMADE A PARTIR DE RESÍDUOS TÊXTEIS	
<p>Júnia de Magalhães Vieira Machado de Mesquita Carolina Ângelo Jerônimo Domingues Tatiana Machado Resende Guedes Thayenne de Moura Pereira Álvaro Toledo Campos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.1652015017	
CAPÍTULO 8	80
A MODA AFRO-BRASILEIRA NA MARCHA DO ORGULHO CRESPO: REGIMES DE VISIBILIDADE	
<p>Maria do Carmo Paulino dos Santos Cláudia Regina Garcia Vicentini Suzana Helena Avelar</p>	
DOI 10.22533/at.ed.1652015018	
CAPÍTULO 9	92
VÍNCULOS DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE MODA E O FEMINISMO CONTEMPORÂNEO	
<p>Paula Cristina Visoná Maetê Vontobel</p>	
DOI 10.22533/at.ed.1652015019	
CAPÍTULO 10	101
A ECONOMIA CRIATIVA E O FAST-FASHION NO BRASIL: O VIÉS ECONÔMICO SIMBÓLICO NO CONSUMO DE MODA EM MASSA	
<p>Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri</p>	
DOI 10.22533/at.ed.16520150110	
CAPÍTULO 11	113
TÊXTEIS INTELIGENTES E CONVERSÃO DE TECNOLOGIA – PROPONDO UM BATE-PAPO	
<p>Marcos José Alves de Lima João Roberto Gomes de Faria Paula da Cruz Landim</p>	
DOI 10.22533/at.ed.16520150111	
CAPÍTULO 12	124
A RELAÇÃO DA TECNOLOGIA COM A SOCIEDADE POR MEIO DAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA DIESEL	
<p>Paula Barreto de Oliveira Najla Santana Hishmeh</p>	
DOI 10.22533/at.ed.16520150112	
SOBRE A ORGANIZADORA	134
ÍNDICE REMISSIVO	135

A MODA AFRO-BRASILEIRA NA MARCHA DO ORGULHO CRESPO: REGIMES DE VISIBILIDADE

Data de submissão: 21/10/2019

Data de aceite: 12/12/2019

Maria do Carmo Paulino dos Santos

Universidade de São Paulo – Escola de Artes,
Ciências e Humanidades
São Paulo - SP

Cv lattes: <http://lattes.cnpq.br/1144295437540346>

Cláudia Regina Garcia Vicentini

Universidade de São Paulo - Escola de Artes,
Ciências e Humanidades
São Paulo – SP

Cv lattes: <http://lattes.cnpq.br/9606500622271822>

Suzana Helena Avelar

Universidade de São Paulo - Escola de Artes,
Ciências e Humanidades
São Paulo – SP

Cv: lattes: <http://lattes.cnpq.br/0112830078679808>

RESUMO: O objetivo deste artigo é por meio de uma análise semiótica, refletir sobre os regimes de visibilidade identificados em matérias veiculadas na mídia sobre a plástica vestimentar dos participantes da Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo.

Face ao recrudescimento das políticas públicas de assistências às camadas menos favorecidas da população formada em sua maioria por afrodescendentes se torna imperativo que

as reflexões acadêmicas contribuam para descortinar os valores e costumes desse povo que é, até hoje, desfavorecido nas mais variadas relações que compõem a vida em sociedade.

Usaremos como referencial teórico o ferramental da Semiótica Discursiva, desenvolvida por Greimas e em seu desdobramento da Sociosemiótica proposta por Eric Landowski.

PALAVRAS-CHAVE: Moda Afro-Brasileira, Orgulho Crespo, Semiótica Discursiva

AFRO-BRAZILIAN FASHION IN THE MARCH OF PRIDE CRESPO: VISIBILITY SCHEMES

ABSTRACT: The aim of this paper is, through a semiotic analysis, to reflect on the visibility regimes identified in the media reports about the plastic clothes of the participants of Marche Pride Curly, in São Paulo.

In view of the resurgence of public assistance policies for the most disadvantaged sections of the population, most of African descent, it is imperative that academic reflections contribute to revealing the values and customs of these still disadvantaged people. in the most varied relations that make up the region. life in society. We will use as theoretical reference the discursive semiotic tool developed by Greimas and in the development of sociosemiotics proposed by Eric Landowski.

KEYWORDS: Afro-Brazilian Fashion, Pride

1 | INTRODUÇÃO

A história da moda brasileira foi construída a partir da colonização portuguesa e dominação eurocêntrica, deixando de lado a influência dos negros africanos trazidos como escravos para o Brasil, nos costumes e no vestuário de seus descendentes. É interessante notar que essa influência permanece enraizada em nossas tradições, mesmo que não percebamos: quer seja no uso do branco nas festas de fim de ano, tão tradicional para o brasileiro, ou as contas nos colares, nas orações a santos que foram traduzidos das religiões africanas para a judaico-cristã, ou ainda na alimentação como a feijoada, assim, todos estes saberes e muitos outros estão imbrincados em nossa cultura, juntamente com aqueles trazidos posteriormente pelos italianos, alemães, poloneses, etc.

As principais etnias que vieram para o Brasil, segundo Darcy Ribeiro (1995), são originárias da costa ocidental africana, conferindo ao nosso povo traços fisionômicos e ritmos peculiares. Ainda segundo Ribeiro, essa mistura de raças: indígenas, africanos e europeus, trouxe no plano ideológico uma “singular fisionomia cultural”. (RIBEIRO, 1995, p. 15)

Além disso, ao virem para o Brasil trouxeram também modos de vestir e adornar-se característicos de seu povo, tradições e símbolos que foram aos poucos incorporados no dia-a-dia da colônia.

No livro *História da Moda no Brasil: das influências as autorreferências* (Prado e Braga, 2011), há uma referência as mulheres negras escravas no ofício de tecer peças de algodão, a partir de suas tradições africanas.

[...]. Com o início do tráfico de escravos negros da África, o trabalho de tecer foi “passado para as escravas negras, que produziam vestuário para os próprios escravos, para a sacaria de café e demais população pobre”. Os africanos traziam hábitos de tecer próprios de suas tradições, configurando-se então a confluência de três tradições de tecelagem provenientes das etnias indígenas, africanas e europeias. Tratava-se, então, de produzir “tecidos grossos e sem tingimento destinados a cobrir a nudez dos índios e escravos”. Uma carta régia datada de 1696 decretou: “as escravas de todo o Estado do Brasil em nenhuma das capitâneas dele podem usar vestido algum de seda, nem se sirvam das cambraias ou hollandas, com rendas ou sem elas [...]” (Prado e Braga, 2011.p:25 apud SANTOS e VICENTINI, 2017. p. 14).

As escravas não podiam usar roupas feitas de tecidos considerados nobres, como a seda, cambraia, em uma óbvia distinção de classes. Esse modo de ser da sociedade escravocrata perdurou por muito tempo mesmo depois de abolida a escravidão em 1888.

Não é difícil entender por que a moda afro-brasileira representa mais do que moda no sentido de consumo de vestuário, mas sim a ressignificação da cultura africana no

Brasil e seus descendentes. Assim é possível afirmar, ao nos apropriarmos do conceito de identidade proposto por Hall (2009) que essa moda específica, figurativizada em uma determinada maneira de utilizar tecidos e padrões, cores e modelagens, que remetam a cultura afro-brasileira configura a ligação com essa cultura e assim reafirma a noção de pertencimento.

Mas, nos perguntamos, quem é o público da moda afro? Serão só os afrodescendentes? A pesquisadora Patrícia Hager (2016) diz que não, que o público consumidor é formado por pessoas negras e não-negras, oriundas de diversas classes socioeconômicas, o que reitera a ideia de assimilação por parte da sociedade. (HAGER, 2016)

Na esteira destes pensamentos nos propusemos a analisar uma manifestação que vem ganhando espaço, nas ruas e na mídia, ao mostrar sem pudores, o que até pouco tempo não era aceitável: o orgulho de ostentar os cabelos naturalmente cacheados, característica marcante de muitos afrodescendentes.

Por muito tempo as mulheres negras buscaram alisar seus cabelos e prendê-los a fim de esconder um dos traços marcantes de sua raça, a fim de serem bem recebidas entre as classes dominantes em sua maioria formada por brancos. Nomes pejorativos marcaram essas pessoas para que assim agissem: cabelo “ruim” entre tantos outros xingamentos que buscavam desqualificá-las por seus atributos físicos caracterizando o racismo tão presente em nossa sociedade, e que enaltece os traços físicos remanescentes dos descendentes de europeus em que o cabelo liso do branco é considerado “bom”.

Segundo Farias, em seu estudo sobre as representações étnico-raciais entre crianças de uma escola municipal da periferia de São Paulo, mostrou que estas crianças de 4 a 6 anos elegem como bom, bonito e aceitável, os cabelos loiros e lisos e a pele branca. Ao se retratarem em desenhos, a cor escolhida para o tom de pele é o lápis de cor salmão (tom rosado), e os cabelos sempre lisos, mesmo sendo elas afrodescendentes. Ou seja, a autora nos diz que as crianças assimilam o padrão de beleza eurocêntrico pois “(...) a aceitação se dá de maneira contraditória em um processo de aceitação/negação.” (FARIAS, 2016, p.133) o que significa romper com os padrões de beleza branca colocados socialmente.

Assim, por tanto tempo estigmatizado, vilipendiado em sua subjetividade, os afrodescendentes, invisíveis na sociedade e confinados às periferias da cidade, conseguiram se fazer-ver em alguns movimentos em que reafirmaram suas origens, em especial na “Marcha do Orgulho Crespo”. Deste modo, buscamos estudar nessa marcha, um enunciado que é vivido, o sentido que é apreendido na e pela duração do evento. Em vista disso nos detemos a examinar os regimes de visibilidade oriundos da manifestação, em que há a necessidade expressa nesta plástica para “ser-visto”, ou seja, sair da invisibilidade libertando o que outrora fora escondido: o cabelo.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de analisarmos nosso objeto de pesquisa, uma marcha veiculada em jornais e revistas, nos apropriaremos dos conceitos da Sociossemiótica proposta por Eric Landowski, fundamentada na Semiótica Discursiva de linha francesa proposta por Algirdas Julien Greimas.

A semiótica tem como objeto os discursos veiculados na sociedade como textos que podem ser “lidos”. Como explica Barros (2003) a semiótica busca compreender os mecanismos geradores de sentido subjacentes ao enunciado, quer seja este escrito, verbo-visual, verbal-oral, visual ou gestual, tomando como objeto, os textos sincréticos, ou seja, de mais de um plano da expressão.

De um modo geral a semiótica configura o a construção do sentido de um texto pela análise do seu plano do conteúdo na forma de um percurso gerativo de sentido. (BARROS, 2003, p.8) Neste plano são definidos três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O nível fundamental é o nível das estruturas mais profundas, o da oposição semântica mínima; o nível narrativo prevê a narrativa com as decorrentes mudanças, ou não, de estado dos sujeitos; e por fim o nível discursivo, em que um sujeito da enunciação assume o enunciado e faz, segundo Barros, escolhas de pessoa, tempo e espaço, em que as projeções de pessoa, chamadas de breagens, criam efeitos de sentido objetivos ou subjetivos, dependendo do sentido que se queira produzir.

Assim, nos parece pertinente pensar como o sujeito constrói relações de sentido com o mundo que o cerca, nesse caso, figurativizado em uma manifestação política: “A marcha do orgulho crespo”. Quais são os modos de presença que a marcha como destinadora, em sua passagem pelas ruas, coloca para o destinatário morador da cidade?

Ao percorrer as ruas da maior cidade do país, a marcha se coloca como objeto legítimo de reivindicação de direitos. E assim nos perguntamos: como a mídia mostra a manifestação, ou seja, quais recortes são feitos? O que é enfatizado? Esse questionamento é pertinente quando pensamos que a representação de afrodescendentes na mídia brasileira, quer seja nos programas de entretenimento ou publicidade, é muito pequena se comparada com a representação do branco.

Também é importante levar em conta que qualquer veículo de comunicação não é totalmente isento na veiculação de suas pautas, sendo eles também, como destinadores, portadores de um discurso que faz-ver aos destinatários de sua mensagem, um determinado modo de enxergar o mundo.

3 | A MARCHA DO ORGULHO CRESPO COMO UM OBJETO SEMIÓTICO

No Brasil, a Marcha do Orgulho Crespo foi motivada por um fenômeno conhecido como ‘*Movimento Orgulho Crespo*’, que surgiu como proposta de estilo para dar visibilidade e impulsionar a estética negra baseado no movimento ‘*Curl Fest*’ criado

pelo coletivo *Curl Girls* em 2011, onde, cinco jovens negras americanas (Charisse Higgins, Melody Henderson, Tracey Coleman, Simone Main e Gia Lowe) uniram-se para criar pequenos eventos de beleza e cuidados com a pele negra e partilhar informações de como cuidar dos cabelos crespos, etc. (fonte: CurlFest.com .Acessado em 29/08/2017).

A primeira Marcha do Orgulho Crespo aconteceu no Brasil em 2015, com um número significativo de pessoas – de todas as idades –, imprensa, movimentos sociais e artistas, no dia 26/07/2015.

Uma grande roda formada por várias pessoas se instalou no vão livre do MASP (av. Paulista/SP) para anunciar através do alto-falante palavras de ordem a respeito dos seus cabelos crespos. Como uma espécie de manifesto vivo, os participantes revezaram-se a fim de denunciarem o racismo que sofreram, e a importância da aceitação do cabelo crespo como identidade e representatividade. No discurso, pautado por palavras de ordem, era evidenciada a crítica ao contexto social e político vivenciado por elas: *“Mulher negra resiste! Dandara vive, Dandara viverá! Quero trabalhar com meu cabelo assim! Abaixo a ditadura da chapinha!”*. Dando início, assim, à Marcha do Orgulho Crespo, que tomou a av. Paulista em direção a Casa Amarela na avenida da Consolação em 2015. Voltando às ruas em 2016, do Masp em direção ao Centro Cultural Vergueiro. E em 2017, da praça do Ciclista na avenida Paulista para o espaço Cultural Unibes na rua Oscar Freire.

A marcha é organizada através das redes sociais pelo ‘Movimento Orgulho Crespo’ e pelo *“Movimento Hot Pente”* da jornalista Neomisia Silvestre em parceria com a designer de moda Thaianne Almeida, e, ainda, pelo *“Blog das Cabeludas - Crespas e Cacheadas”* da blogueira Nanda Cury, uma das idealizadoras do movimento Hot Pente. O Movimento Hot Pente é um projeto que une referências do *Hip-Hop*, do grafite, da moda e do *street dance*, para celebrar a cultura negra urbana, e, também, uma alusão ao pente quente, usando para alisar os cabelos das mulheres negras até os dias de hoje. (SANTOS e VICENTINI, 2017)

Ainda segundo Santos e Vicentini (2017), a Marcha do Orgulho Crespo tem como diretriz principal: *“celebrar a cultura negra e busca fortalecer a estética afro-brasileira como símbolo de identidade e resistência”*, problematizando, assim, a situação da mulher negra brasileira, ao destacar fatores socioeconômicos que acentuaram a desigualdade social no Brasil. E pretende que ao poder se orgulhar de seus cabelos crespos, o afrodescendente, na Marcha possa mostrar que os traços físicos não podem ser motivos discriminatórios.

A ideia da Marcha reverberou por todo o Brasil, e segundo Malta e Oliveira (2016), vem sendo impulsionado através das redes sociais. Com o mote: orgulho crespo, este movimento tem um número expressivo de seguidoras em todo o país:

“Em 2015, impulsionadas pelas redes sociais, foram organizadas marchas em todo o país com o mote **Orgulho Crespo**. Elas tinham como objetivo reunir a

população negra em prol do orgulho de seus traços étnicos e de sua negritude. Esse espaço reuniu ativistas, militantes sociais, blogueiras que discutem a estética negra etc. O aspecto político presente nessa onda de marchas que se sucederam foi impactante. Ele fica mais evidente se levarmos em conta que a fragilização da autoestima da população negra, ocasionada pela ausência de representações positivas de negros e negras na mídia e pela excessiva difusão dos padrões estéticos hegemônicos, está entre os mecanismos mais eficazes do racismo.” (MALTA e OLIVEIRA, 2016.p.65.apud SANTOS e VICENTINI, 2017. p. 15)

Nestas manifestações predominam o gênero feminino, que reivindicam ações de políticas públicas que poderiam coibir a desigualdade social e racial vivenciada por esta população. Um fato que nos chama a atenção é que conforme descreve Iraci (2007), os afrodescendentes quase não participam de programas televisivos, especialmente novelas, a não ser em papéis menores e quase sempre em posição de subordinação, não chegando a 10% dos atores/atrizes. Sendo a televisão um meio de comunicação de massa, responsável por construir modos de vida, podemos concluir que é mais uma forma de exclusão social. (IRACI, 2007).

É possível dizer que uma manifestação como a que se propõe a Marcha coloca em circulação valores culturais figurativizados em um “corpo social” como dizem Preciosa e Andrade (2014) o ato de vestir-se se torna, então, um ato político. Os elementos da cultura africana, são, então, identificados por meio de símbolos, estampas, cores, tecidos, turbantes, túnicas, batas, acessórios etc., definindo assim um possível estilo para moda-afro-brasileira, por meio destas múltiplas ‘identidades’ (HALL, 2009).

Segundo Stuart Hall (2009), a busca pela identidade e a noção de pertencimento, do afrodescendente são distorcidas porque sofrem influências nas suas tradições, e assim, acabam por ter esvaziados seus conteúdos simbólicos, principalmente quando se dá a apropriação por outros que não os herdeiros destas tradições e costumes. (SANTOS e VICENTINI, 2017)

A fim de embasar nossa análise definimos uma matéria veiculada pelo site de notícias G1, pertencente ao grupo Globo de notícias, veiculada em 07/08/2016. A notícia é encabeçada pelo título: “Mulheres participam da 2ª Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo”. Em seguida o subtítulo: Grupo se reuniu no vão do Masp antes da caminhada até o CCSP. Programação inclui mesas redondas e shows de MC Soffia e Tássia Reis. O enunciador faz uso de uma debragem enunciativa a fim de manter o efeito de sentido de imparcialidade e objetividade ao veicular a notícia sobre a marcha, pressupondo um enunciatário que tem familiaridade com a cidade de São Paulo e conhecedor da cena cultural pertencente a esse grupo de pessoas, uma vez que usa siglas para indicar lugares, como por exemplo: CCSP – Centro Cultural São Paulo, localizado na Rua Vergueiro e a fala sobre duas artistas que fazem parte do movimento e que farão shows no local. Esse subtítulo explica ao enunciatário que haverá a possibilidade de dialogar em espaços coletivos por meio de mesas redondas e também de diversão ao mencionar os shows que serão apresentados. Cria-se o efeito de sentido de uma manifestação que se assemelha mais a um episódio de

encontro festivo, sem o peso de uma marcha política.

Logo abaixo a imagem de uma mulher negra e jovem em primeiro plano e com ângulo de baixo para cima, um recurso fotográfico que enfatiza o objeto retratado. A moça, - vestida com uma blusa de cores intensas, como o vermelho - tem o braço direito esticado, punhos fechados e um largo sorriso no rosto, olha para frente com confiança. Ostenta de cabeça erguida a vasta cabeleira que faz jus ao nome da Marcha. Esse plano da expressão traz figurativizado na jovem mulher negra, um dever-ser orgulhoso de suas raízes, adotando um regime de visibilidade de querer-ser visto e assim, sair das periferias e mostrar-se no coração da cidade, em atitude de libertação e coragem. (figura 1)



Mulher participa da 2ª Marcha do Orgulho Crespo na Avenida Paulista, em São Paulo (Foto: Suamy Beydoun/Futura Press/Estadão Conteúdo) Fonte G1 acesso em 08/ 2018.

Na segunda imagem estampada pela matéria é possível ver um grande número de mulheres negras também com os braços levantados e punhos fechados, e por suas expressões faciais é possível depreender que gritam palavras de ordem, inclusive há uma mulher com megafone que provavelmente dá o tom das palavras a serem ditas. Ao fundo o MASP, figura emblemática da cidade de São Paulo reitera o efeito de sentido de apropriação da cidade na sua mais importante via de circulação. (figura 2)



Figura 2 - Mulheres caminham levando uma faixa durante a 2ª Marcha do Orgulho Crespo na Avenida Paulista, em São Paulo (Foto: Suamy Beydoun/Futura Press/Estadão Conteúdo) Fonte site G1 – acesso em 08/2018.

O formante cromático vermelho, mais uma vez sobressai na imagem, ao ser visto tanto no prédio do MASP ao fundo, quanto nos dizeres da faixa branca que pode ser vista tomando quase a totalidade da imagem. O formante topológico constitui-se de um contraste interessante entre a horizontalidade da faixa e a verticalidade do detalhe do museu. Além da faixa branca com dizeres em vermelho apresentando a marcha, o que sobressai na foto são justamente os cabelos volumosos, soltos e porque não dizer, livres, das integrantes do movimento, uma vez que a faixa cobre quase que totalmente os corpos das manifestantes que a seguram, deixando a vista principalmente rosto e cabelo. Essa é, acreditamos, uma marca identitária da moda afro, que tem também nas cores, nos volumes e acessórios, seus componentes, como podemos observar na figura 3, abaixo.



Figura 3 -Mulheres se reúnem no vão do Masp, na Avenida Paulista, para a Marcha do Orgulho Crespo (Foto: Cris Faga/Fox Press Photo/Estadão Conteúdo). Fonte: site G1. Acesso em 08/2018.

Mais uma vez o enunciador nos faz-ver no plano da expressão os valores figurativizados na imagem das mulheres da marcha, sorridentes, e mostrando-se à vontade em exhibir os traços marcantes do que podemos chamar de moda afro. No nível fundamental a oposição entre liberdade x opressão é mais uma vez reiterada no discurso. Assim, o enunciador nos mostra, no nível discursivo, os valores relativos à liberdade e a possibilidade de ser e usar o que se quer, de se mostrar tal como é, sem julgamentos e preconceitos.

4 | CONCLUSÃO

É fato que a moda afro-brasileira está em processo de ascensão no Brasil, explorando um segmento de mercado muito promissor, e que agrega outros produtos com esta temática, para além do vestuário. Que esta moda é social, cultural e política, não há dúvidas uma vez que reitera a importância dos movimentos aos quais está de alguma maneira ligada como o Movimento Orgulho Crespo e da Marcha do Orgulho Crespo, que dão visibilidade a estes corpos sociais e que através da moda as questionam as desigualdades sociais da população negra brasileira.

Acreditamos que futuramente, esta moda, será incorporada (como aconteceu com outros gêneros de moda: hip-hop, rock, country, entre outras) ao comércio de uma maneira geral de diversos segmentos dentro da cadeia têxtil e de confecções, para distribuir no varejo segmentado. A mídia e o comércio de uma maneira geral ajudarão a impulsionar a difusão da moda afro-brasileira.

A matéria veiculada site de notícias G1, mostra a marcha como algo positivo, uma manifestação em defesa da liberdade, como mostrou a análise semiótica. Cabe dizer que não se trata de vaidade, mas sim, romper com padrões eurocêntricos de beleza estabelecidos na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Pierre Bourdieu; tradução, Maria Lúcia Machado. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DAVIS, A. 1944 – **Mulheres, raça e classe**. Angela Davis; Tradução Heci Regina Candiani. - 1.ed.- São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIAS, A. C. B. A. “**Loira você fica muito mais bonita**”: **relações entre crianças de uma EMEI da cidade de São Paulo e as relações étnico-raciais em seus desenhos**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação – USP. São Paulo, 2016.

FOUCAULT, M, 1926 – 1984. **Microfísica do Poder**. Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. - 4. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREYRE, G. **Casa - Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** | por | Gilberto Freyre; ilustrações de Tomás Santa Rosa e Poty, desenho a cores de Cícero Dias. 20ª ed. Rio de Janeiro / Brasileira, Livraria José Olympio Editora / INL-MEC, 1980.

- HAGER, P.H.C. **Consumo e Discriminação Étnico Racial: considerações sobre o mercado de moda-afro-brasileira**. Patrícia Helena Campestrini Hager. Revista Percurso. Maringá. v.8. p:87 □ 109, 2016.
- HALL, S. **Da diáspora e meditações culturais**. Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução La Guardia Resende... [et al.]. 1ª edição atualizada – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410 p. (Humanitas).
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.: il. Com a participação de: ONU Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).
- IRACI, N. **Dossiê sobre a situação das Mulheres Negras Brasileiras**. Nilza Iraci (organização). Realização: Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras [AMNB] Reinarte, 2007.
- KOFES, S. **Gênero e Raça em Revista: debate com os editores da revista Raça Brasil**. Suely Kofes (organização). UNICAMP - Departamento de Antropologia - Programa de Mestrado / Programa de Doutorado em Ciências Sociais / Núcleo de Estudos de Gênero □ Pagu / organização da Secretaria de Eventos do IFCH. Campinas – SP. Cadernos Pagu (6-7) 1996: pp.241 -296 / novembro, 1996.
- LOVEJOY, P. E. **Jihad na África Ocidental durante a “Era das Revoluções”: em direção a um diálogo com Eric Hobsbawm e Eugene Genovese**. LOVEJOY, Paul E. Lovejoy. Topoi, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 22-67, jan./jun. 2014 | www.revistatopoi.org.
- MACHADO, C. E. D.; LORAS, A. B. **Gênios da humanidade: ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente**. Carlos Eduardo Dias Machado; Alexandra Baldeh Loras – São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2017.
- MALTA, R.B.; OLIVEIRA, L.T.B.de. **Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual**. Revista GÊNERO. Niterói. v.16. n.2. p. 55 – 69. | 1.sem. 2016.
- MINAYO, M.C.de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Maria Cecília de Souza Minayo. - 12 ed. - São Paulo: Hucitec, 2010.
- PRADO, L.A. do.; BRAGA, J. **História da Moda no Brasil: das influências as autorreferências**. Luís André do Prado e João Braga. – 2 ed.-- Barueri, SP: disal, 2011.
- RIBEIRO, D. 1922 – **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Darcy Ribeiro. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SALGADO, F. C. **Negras Memórias, Memórias de Negros. O imaginário Luso □ Afro-Brasileiro e a Herança da Escravidão**. Palácio das Artes □ Fundação Clóvis Salgado, 2003
- SANTOS, M. do C. P.; VICENTINI, C.R.G. **Design de Resistência e os contornos políticos na criação de uma estética de moda afrodescendente**. In Anais do XIII Colóquio de Moda. Curitiba, 2017.
- SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.de.; GUINDANI, J.F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Jackson Ronie Sá-Silva. Cristóvão Domingues de Almeida. Joel Felipe Guindani. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009 | www.rbhcs.com
- SILVA, F. F. da. **A cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. Fernando Fernandes

da Silva. - 2 ed. - São Paulo: Petrópolis: Editora da Universidade de São Paulo.

SIS. Sistema de Inteligência Setorial. **Moda Africana no Brasil**. Boletim de Tendências: SEBRAE-SC. Fevereiro, 2016.

Web Sites:

G1/São Paulo - 07/08/2016 - Mulheres participam da 2ª Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo / link: Mulheres participam da 2ª Marcha do Orgulho Crespo em SP – 2016.

G1/São Paulo - 07/08/2016 - Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o 'orgulho crespo' – de: Paula Paiva Paulo / link: Mulheres dão adeus ao alisamento

G1/São Paulo - 26/07/2015 - Avenida Paulista recebe Marcha do Orgulho Crespo neste Domingo / link: Avenida Paulista recebe Marcha do Orgulho Crespo - 2015

G1/Bom Dia Brasil – 27/07/2015 - Marcha do Orgulho Crespo é realizado pela 1ª vez em São Paulo / link: Marcha do Orgulho Crespo - 2015

Afropunk - <http://www.afropunk.com/profiles/blogs/op-ed-brazil-s-natural-hair-march-encourages-black-brazilians-to>

IPHAN – www.iphan.gov.br acessado em 30/06/2017.

Blogueira Luana Oliveira - <http://papocomalua.blogspot.com.br/> acessado em 08/07/2017.

Orgulho Crespo. <http://orgulhocrespo.com/sobre/>

Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo lembra a luta das mulheres negras. <https://noticias.uol.com.br/album/mobile/2015/07/26/marcha-do-orgulho-crespo-em-sp-lembra-luta-de-mulheres-negras.htm?imagem=12> acessado em 07/07/2017.

Origins of the afro comb - <http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/gallery/afrocombs/combs/> . Acessado em 08/07/2017.

Vogue / desfile LAB - <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/10/lab-injeta-representatividade-na-passarela-do-spfw.html> acessado em 08/07/2017.

Vogue/Joan Smalls - <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/05/joan-smalls-em-dose-dupla-na-edicao-de-junho-da-vogue-brasil.html> acessado em 08/07/2017.

Vogue/Jourdan Dunn - <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/01/jourdan-dunn-como-voce-nunca-viu-na-vogue-de-fevereiro.html> acessado em 08/07/2017.

Vogue/Lais Ribeiro <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/01/lais-ribeiro-veste-valentino-na-capa-da-edicao-de-fevereiro-da-vogue-brasil.html>. Acesso em 08/07/2017.

Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf> . Acesso em 24/08/2017.

Ecommerce estilo afro <http://www.estiloafro.com.br/#>

PEGN. Empreendedores Negros Focam em Potencial do Mercado Afro no Brasil. <http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2015/11/empreendedores-negros-focam-em-potencial-do-mercado-afro-no-brasil.html> . Acesso em 29/08/2017.

Curl Girl Collective - <http://www.curlygirlcollective.com/> .Acessado em 29/08/2017.

Black Enterprise - <http://www.blackenterprise.com/billboard/curl-fest-2016/>

Curl Fest - <https://curlfest.splashthat.com/>

A importância de Steve Biko e do Movimento da Consciência Negra na África do Sul. Milton Ribeiro - <http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/black-is-beautiful/> . Acessado em 03/09/2017.

Partidos dos Panteras Negras - https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_dos_Panteras_Negras . Acessado em 03/09/2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

Natalia Colombo - Bacharel em Design de Moda (2015) e Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (2018). Bolsista Taxa PROSUP/CAPES (2016-2018). Membro no grupo de pesquisa: Tecnologias: Experiência, Cultura e Afetos (TECA) do PPGCom UTP/Curitiba (2017). Pesquisadora nas áreas de Moda, Comunicação, Consumo e Identidade. Experiente na área de Desenho Industrial, com ênfase em Planejamento e Desenvolvimento de Produto e Gestão de Comunicação com ênfase em Eventos Científicos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 35, 76

Arte 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 57, 58, 59, 67, 69, 74, 76, 79, 80, 92, 93, 94, 101, 102, 106, 110, 111, 113, 120, 121, 124, 128, 134, 135, 136, 137

Artesanato 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 75, 104, 106

C

Cenografia 67

Comunicação 24, 26, 27, 40, 43, 44, 49, 58, 64, 76, 83, 85, 92, 94, 97, 99, 100, 110, 111, 112, 115, 118, 120, 124, 125, 126, 132, 133, 134

Consumo 7, 14, 31, 74, 81, 89, 97, 101, 102, 103, 109, 110, 111, 115, 126, 128, 134

Corpo social 85

Correspondência 25, 92, 93, 97, 99

Criação 7, 14, 20, 25, 41, 57, 59, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 78, 89, 97, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 116

Cultura 1, 3, 4, 7, 11, 12, 13, 19, 27, 29, 32, 34, 35, 36, 41, 43, 44, 46, 56, 58, 67, 74, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 92, 93, 94, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 124, 134, 135, 136, 137

D

Desenho de moda 46, 48, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66

Design thinking 67, 68, 71, 72, 73

E

Economia criativa 6, 11, 12, 75, 101, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 112

Ensino 42, 46, 49, 50, 53, 55, 56, 58, 60, 61, 66

Estilo 14, 15, 16, 17, 19, 23, 28, 29, 30, 36, 37, 83, 85, 90, 93, 109, 111

Experiência estética 14, 16, 18, 20, 22, 27, 28, 29

F

Fast-fashion 101, 103, 110, 111

Feminismo 92, 94, 95, 96, 97, 99, 100

Figurino 71, 73, 76, 77

I

Identidade 2, 7, 14, 22, 24, 26, 27, 33, 35, 76, 82, 84, 85, 94, 107, 125, 128, 134

Imaterial 4, 12, 20, 106, 107, 110

Indumentária 67, 92, 93, 94, 97, 125

Indústria da moda 78, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 111

Inovação 21, 22, 54, 89, 102, 106, 109, 116, 117, 119

Interações 14, 35, 127

Interface 25, 41, 42, 46, 47, 51, 53, 54, 55, 56, 114, 115, 122

L

Linguagem 41, 58, 66, 72, 93, 121, 124, 126, 133

M

Mediações simbólicas 127

Memória 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 33, 34, 35, 43, 58, 61, 62, 63, 106, 109

Mídia 23, 80, 82, 83, 85, 88, 110, 111, 122, 127

Moda 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 46, 47, 48, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 133, 134, 135, 136, 137

Moda afro-brasileira 80, 81, 88

Modos de vida 13, 15, 16, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 85

Movimento 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 29, 30, 46, 47, 50, 51, 53, 55, 83, 84, 85, 87, 88, 91, 94, 95, 96, 97, 110

P

Poder 16, 18, 19, 22, 24, 25, 26, 31, 36, 37, 84, 88, 125

Publicidade 83, 104, 124, 125, 133

R

Reaproveitamento 73, 74, 75, 77

Recursos 47, 48, 56, 68, 75, 114, 122, 128

Representações étnico-raciais 82

Ressignificação 18, 81

S

Saberes artesanais 1

Semiótica discursiva 80, 83

Significados 25, 41, 61, 93, 102, 121, 125, 126

Singularidade 14, 16

Sistema colaborativo 67